

15UR

S

JEFINHO

MUSEU.DO.MESMO.DO.MUNDO

Jefferson de Miranda

arte-vida fabulação precariedade

Na diversidade de nossos fazeres-arte é evidente uma ida às coisas do mundo para que, nas transparências de suas aparições, nossa habituada lida desatenta com as coisas ceda lugar ao extraordinário. Num regime, então, de especulações múltiplas, tais fazeres parecem propor uma ação na vida, para vida, pela vida, um modo de pertencimento enfim.

Era sábado. Foi no fim da tarde que meu pai chegou para uma daquelas visitas de dois dias há muito prometidas. Conversamos conversas de pai e filho já surrados pelo tempo, cuidei para tudo ficasse *como-deveria-ser* – era o que meu pai sempre esperava – e assim ele anoiteceu e amanheceu na mesma cama que um dia foi de duas pessoas que chamei de família.

A manhã seguiu agradável nos levando a um almoço leve e rápido e daí até o museu para o qual o tinha convidado. Fomos a pé hábito nosso que nos torna mais parentes que o tamanho do nariz. Ruas tranquilas céu acolhedor jeito forte e ágil de andar e coisa de 30 minutos já passávamos pelas portas do edifício que nos olhava de suas alturas imponentes e inflexíveis. Meu pai se encolhia em horas dessas e silenciava olhando tudo como que por trás dos próprios olhos.

Algumas salas mais à frente as paredes eram vermelhas o piso muito lustroso a quietude solene cheirando a outros tempos mais frios e lerdos; a luz atingia dois só dois pontos nas paredes vermelhas um em frente ao outro. E entre elas no meio do salão comprido se plantava um banco. No ponto iluminado fincava-se um quadro e chegando mais perto logo abaixo da moldura um fone de ouvidos e mais ao lado a cartela com o título. Ele me perguntou qual era não sei se por algum desconforto que ainda o abafava

MUSEUM.OF.THE.SAME.AS.THE.WORLD | In the diversity of our artistic practice there is an evident move towards worldly things so that, in the transparencies of their appearances, our habitually reckless attitude towards them opens up to the extraordinary. So in a regime of multiple speculations, such practices seem to propose an action in life, for life, on behalf of life, ultimately, a way of belonging. | Art-life, fabrication, precariousness.

ou pela falta dos óculos que não se dependuravam de seu pescoço. Narciso respondi. Ele apreciou a pintura de um jovem e de seu reflexo e de um-que-olhava-o-outro no fundo de seus lagos ou parecia ao menos. Não quis tocar os fones então os retirei do apoio e os coloquei para ele sobre os ouvidos dele. Virou-se pra mim mas rápido desvirou. Um tempinho depois me passou os fones e pude ouvir uma mulher: “Vi esse trabalho em Londres em 1999. Uma cama imunda fresca recente. Tinha dor sexo tumulto. Muitos papéis espalhados pelo chão registros de um amor falido. Travesseiros uma calcinha suja. Uma multidão passava por ali. Submissão. Incapacidade de ordenação solidão. Muito me impressionou o trabalho a ousadia coragem de expor um passado tão presente”.

Na parede em frente, a mesma situação se apresentava, o que me levou a considerar os Narcisos apuradas reproduções daquele Caravaggio. Dessa vez, ele não esperou por mim e logo pôs os fones que me passou algum tempo depois. Agora era a voz de um homem: “Eu assisti a esse trabalho numa galeria não lembro o nome. Acompanhei o terceiro dia e o último. O que lembro é que ao chegar você se deparava com três cubículos suspensos na parede de fundos da galeria. Eram cubos que ficavam a uns dois a três metros de altura do chão e que tinham um vão entre eles. Um era um banheiro, outro tinha uma poltrona e uma pia onde ela pegava água, e havia ainda mais um. Ela transitava de um para o outro. Havia na parede uma escada cujos degraus eram feitos de facões. A cada vez passei umas poucas horas lá. Em geral as pessoas iam e ficavam mesmo um tempo longo na galeria. A performer não se comunicava diretamente com o público o que contribuía para uma sensação de clausura dela ali em cima. Lembro que minha sensação era a de muita introspecção. Mesmo a luz da galeria

focada mais nos cubículos e deixando o nosso espaço o do público mais escuro contribuía para essa introspecção. Era uma visualização silenciosa do público. Havia uma dimensão meio religiosa, tanto da parte do público quanto da parte dela. No último dia fiquei até a performance terminar. Nesse dia estava surpreso com a quantidade de gente na galeria que estava lotada. Era 2002 se não me engano e a cidade de Nova York passava ainda pela comoção do 11 de setembro e pelos movimentos antiguerreia pelas passeatas *not in our names* e por todas as sanções que o governo colocava aos cidadãos. Daí inclusive a escolha dela em fazer a performance na cidade. Como o contexto já criava um forte diálogo com essa performance de restrição a clausura espacial o jejum a introspecção me incomodou muito a fala dela no final. Às seis da tarde se não me engano ela desceu do cubículo não lembro como acho que pela escada de facões mas não tenho mais certeza e no centro da galeria agradeceu as pessoas que estiveram ali com ela esses dias todos e disse que dedicava aquela performance às pessoas da cidade de Nova York.” Sem palavras seguimos à sala seguinte e de novo sobre o mesmo vermelho das paredes a mesma situação. Duas da mesma reprodução uma em frente à outra cada uma numa parede com os fones e a cartela-Narciso. Ouvimos novas vozes homens mulheres. Mais algumas salas à frente era a de um homem a dizer: “Lá chegando você se depara com uma senhora que se apresenta rapidamente e em seguida nos guia por uma visita a casa anunciada. Essa senhora trabalhou por muitos anos com a família que ali residiu. Na passagem pelos cômodos ela narra suas lembranças e algumas passagens dessa suposta família. Por um lado o trabalho apresenta uma certa *crueza* pois não se trata de uma atriz com recursos teatrais interpretando uma personagem e sim um sujeito narrando uma história. Por outro

lado há elementos nitidamente *construídos* ao longo dessa trajetória: uma música que toca em determinado ambiente um chão forrado de folhas alguma iluminação *ficcional* e outros elementos que já não me recordo. O trabalho tem uma forte relação com as memórias e com o espaço... as possibilidades de projeção de um passado. A história em potência que o espaço tem para contar". E depois a voz de mais uma mulher: "Videoprojeção de imagem quase estática a cena reproduz clima pintura/cores luz barroca-caravaggio homem de idade não velho sentado mais ou menos debruçado para a frente apoiado nas mãos. Figurino como de época figura recortada pela luz surgindo da penumbra de fundo escuro-barroco observa faixa de riacho(?) água corrente que traz em seu fluxo objetos diversos que flutuam passando de um lado ao outro do enquadramento horizontalmente ao longo do terço inferior do quadro. Não lembro dos objetos direito mas lembro que eram atuais e variados indo de livros a embalagens". Ele continuava sem comentários, mas os olhos de meu pai já corriam folgados, bem mais folgados, de um lado a outro.

Serviço bom... E embora fosse esse o comentário de um homem que pôs sua vida no fazer-comércio deu-me oportunidade para perguntar o que estava achando. A resposta veio em forma de pergunta: Por que eles deixaram tanto espaço entre os quadros uma sala inteira. Caramba! Pra gente se fazer essa pergunta não pode ser? Se o vão está aí é porque devia estar e pelo jeito está deixando a gente inquieto com isso. Reticente ele se recolheu no seu mutismo. Mas eu o chamei para perto de um daqueles bancos que então se me mostraram mais que providenciais.

Essas coisas todas aqui não têm respostas. Não são charadas pra se desvendar pai. São coisas pra

se fazer pensamentos comecei assim. E por isso queria saber qual a impressão que está tendo? Está bom! era a resposta bem típica dele de retribuição às deferências quando elas lhe apareciam na vida; mas eu insisti. Um mesmo quadro daquele rapazinho da mitologia e as gravações de pessoas descrevendo outra coisa acho que eram outras... obras-de-arte? mas falavam de uma cama de uma mulher morando numa galeria de uma conta de luz não sei. Pensei imediatamente na tensão entre ideia fraca e o gesto transcendental o que Boris Groys fala a respeito mas não era hora para seguir por esse caminho. Tomei outro.

Sim são outros trabalhos que as gravações descrevem. Reconheço alguns. E daí sem pedir licença dei um enorme pulo agarrando-o comigo. A arte e isso já há uns cem anos tem se interessado muito em fazer arte com o mundo. Retirar coisas que já se fazem no mundo e colocá-las sob o nome arte. Por quê? Já existem no mundo não-é? Sabia que teria que enfrentar essa e outras dessas perguntas. Não tinha planejado entretanto roubar minhas explicações de Cage. Porque nem sempre o que existe no mundo é visível; porque muito é negligenciado e talvez valha a pena jogar luz sobre esse muito; porque assim a arte pode nos ajudar a entender a vida de outros modos. Por exemplo? Por exemplo que vivemos não em direção a um objetivo lá distante mas que estamos por assim dizer o tempo todo no objetivo e desse modo mudando com ele. A arte pode nos alertar pra isso. O que fazemos com esse alerta aí já é outra conversa. Ele me olhava. E continuava me olhando. Tem um cineasta russo ele diz que a arte não muda necessariamente ninguém e seria mesmo pedir muito afinal o que tem esse poder? talvez só as coisas que são inevitáveis na vida. Enfim ela não muda mas pode sim nos disponibilizar pra mudança. Eu eu quero acreditar nisso senão...

Além do mais existe um sentido de celebração. Não há nenhum problema com isso há? Não. Pois então também não há de haver nenhum problema em se fazer coisas *desnecessárias*. Ele torceu o cenho. Não; espera. Independente de qualquer crença a gente pode pensar bem desapegados que a vida é por ela mesma e que estamos na vida pra sermos melhores vivos; assim o que cabe à vida é ser vida e sempre mais. E ao homem o mesmo. Isso é ser forte no que se é. Vida. Homem. Isso é o desnecessário de que falei. Meu filho acho que tem muito assunto aí me disse sem se preocupar em mostrar qualquer convencimento. Concordei imediato. Mas ele continuou se subtraindo e me deixando o muito-assunto para eu lidar sozinho. São assuntos pra você. Não! Olha: um amigo meu já tem tempo foi a um trabalho meu. Nos encontramos rapidamente quando saíam ele e a esposa ela de uma mudez de quase enlouquecer me olhava mansa e ele após um carinhoso abraço me disse você gosta de gente. Despediu-se e ela com um daqueles sorrisos... tão frágil; e se foram os dois. Mas eu fiquei ali cutucando o que havia me dito cutucando e entendendo que havia muita coisa-séria naquelas palavras dele que me expunham a mim mesmo. É eu quero mesmo acreditar pai que o mundo merece é nosso encantamento. E a arte que fazemos hoje é um modo um modo provisório pra se criar um olho-que-olha pra gente ter melhor e mais belos olhos. É ingênuo eu sei. Não não é me interrompeu vestindo outras auras mas sobretudo a de um pai zeloso. Não estou sozinho nesse meu encantamento pai. Na verdade engrosso um coro que é maioria. Talvez a diferença se é que existe alguma é que sou atento ao encantamento e queira fazer algo com ele. Mas isso também já é coisa do homem sempre foi assim essa vontade de fazer-de-novo o mundo como uma criança que parece querer aprender da coisa abrindo-a desmontando-a pra poder refazê-la.

Mas por que esse interesse chega aonde chega voltou-me uma pergunta mais ou menos desse jeito. E como haveria de ser? Foi então que ele me falou assim-assim da beleza e tudo aquilo mais... E falou em mundo sonhado mundo melhor. É isso pai. Mas precisamos um pouco de paciência quando dizemos beleza mundo sonhado mundo melhor mundo diferente vou incluir esse. É isso. Penso que com tudo isso a arte continua trabalhando e este museu aqui dá provas. Mas também penso que muito seguramente o senhor está usando essas palavras por um ponto de vista ... estético, e é preciso lembrar que esse ponto de vista é pacto. E como pacto pode haver outros. Justamente outros pactos é o que a arte quer propor agora; afinal outras coisas na vida já lidam com esse sentido de beleza por exemplo. Belo e bom isso deve ser a vida enfim. Os poucos gestos dele quase sempre muito retos e objetivos faziam agora o leve erguer de sobrancelhas sobressair eloquentemente junto com as mãos que ele escorria pesadas pelas faces uma de cada lado. E cá entre nós não somos eu e o senhor especialmente agarrados às coisas materiais assim a ponto de pensar que beleza se refere no que realmente interessa a um equilíbrio de proporções e essas coisas que o tempo só faz roer. Essa é uma ideia de beleza acho muito insuficiente. Então por que não pensar a beleza como aquela coisa de que falei há pouco de afirmação do que se é? Beleza como uma força e não debilidade como afirmação cada vez mais afinada menos desperdiçada com o que se é. Mas o senhor falou mundo melhor mundo sonhado. Falei. Acho que hoje a arte busca ser mais responsável hesitei mais comprometida ao falar desses mundos; esses mundos que põe fé serem possíveis e que na medida de sua claudicância ela a arte tenta inspirar o homem ao menos a desejá-los não como tarefa impossível mas como projeto de ação. Se ele vai conseguir? talvez



Museu.do.outro.do.mundo.outro - infiltração artística do autor; instalada em 28 de março de 2015 em vários espaços do Shopping dos Antiquários, Copacabana, Rio de Janeiro

homem seja isso mesmo quer dizer na sua beleza ser ação interessada intencionada independente dos resultados a que se chegue. Volto a um lugar por onde passei. O encantamento pelo mundo pelas coisas que flutuam e fazem mundo numa medida diz de um querer fazer de-novo o mundo. E ainda que nos sejam desconhecidas suas talvez muitas razões certo é que sempre estamos cá assim a fazer; existe um algo que nos impulsiona a *imitar* disse com muita reticência; quem sabe não se trata de um forma pedagógica que carregamos aqui inscrita. Mas não é nunca uma simples duplicação do mesmo – se isso fosse possível. Se pensarmos no exercício de devoção máxima à imitação a que a arte já se aplicou é provável que lembremos de pintores barrocos e sua contenda para definir quem seria capaz de trazer para a superfície de uma tela mais o veludo ou mais a plumagem. O que existe no entanto nesse *mais* senão invenção do próprio ver? Oscar Wilde assegura na sua fina ironia que nevoeiros pode ter havido por séculos em Londres mas que ninguém os viu e eles então não existiam até a arte os inventar. Isso é uma verdade me disse ele que a arte pode nos ajudar a ver coisas ou ver diferente. Concordo mas com bastante reserva. Por quê? Porque não vejo que a arte tenha compromisso com a revelação de algo oculto ou mesmo que exista algo oculto por trás das coisas a ser revelado. Existe aí aquele pressuposto de que as imagens mitificam alguma essência guardada zelosamente num fundo-das-coisas onde qualquer imagem deixaria de operar em favor dessa essência. Ou ainda que existam imagens mais verdadeiras que outras. Isso bem existe sim gradações de valores. Mas... É claro que a arte já aspirou e conseguiu muitas vezes despertar o sublime que inventamos para ela nos despertar. E o sublime nos incita à superação. Mas a superação que diz hoje

a arte não implica negação e sim um ir-com. Daí ela querer dizer desse nosso mundo usando o próprio mundo como meio no e pro seu dizer; e o que ela nos quer dizer ou lembrar é que o mundo o homem que somos é criação que se cria em se criando. O eterno um-diferenciado-de-si-mesmo lembra? É a esse movimento que a imitação se refere é. O mundo melhor o mundo sonhado ele está onde estiver a ação reforcei essa palavra do homem. Carregamos ainda e isso é muito pesado não nos dando conta. O quê? Carregamos a ideia de um modelo original absoluto aí se encontraria o lugar da não-imagem e pior agonizamos por causa disso numa busca desperdiçante. Quando o que nos cabe acredito é per-formar o homem o mundo as coisas o que a gente é. Existe entusiasmo na sua defesa. Somente abaixei a cabeça e dei um sorriso expirado pelo nariz. E sobre os quadros daqui e as narrações como eles o que têm a ver com o que me diz? Podemos fazer algumas apostas. Existe o quadro de Caravaggio que conta de um encantamento. Um rapaz que se encanta com um algo do mundo. Esse-algo retribui o interesse desde suas profundezas que a superfície revela. E esse-algo diz do rapaz ainda que não se saiba em que momento exato o rapaz disso se aperceba. Fato é que ali existe uma multiplicação de espelhos que flertam e nesse círculo de encantamentos se per-fazem. O que interessa para minha defesa e aqui sorri como a dizer que aceitava tratar o assunto como num tribunal e interessa bastante é que esse-algo por mais que emerja de águas calmas do mais calmo lago está sempre em regime de flutuação variação diferenciação está no movimento que diz de novo do um-que-se-diferencia-de-si-mesmo. E ousou agora e atribuo o muito do encantamento do rapaz a esse-algo que caleidoscópico se per-forma. E ousou mais ainda dizer que é ao encontro do um-diferenciado-de-si-mesmo que o rapaz vai submer-

gindo no lago e findando a estória. Acredito não ser arbitrário esse modo de pensar o quadro de Caravaggio pois ele faz emergir do lago um rapaz-do-reflexo dessemelhante daquele rapaz que também o olha, como que por obra de um momento passageiro demais sutil demais fugaz demais. Teríamos então o quadro que conta a história do encantamento do homem por imagens do mundo e que tais imagens dizem dele. Mas há as gravações! Sim elas apontam nessa mesma direção ou seja do nosso despudor em assumir que falemos desse encantamento pelas coisas do mundo que falam de nós. Uma cama que nos conta de um negócio que esgarça o que dá prazer mas dói também promessas falências tem muita estória correndo solta em cima da cama no chão em volta nos papéis amassados na bagunça dos travesseiros dos lençóis das roupas de dentro... A conta de luz o desenho que nela se traça só se traça por causa de um evangelho todo dele que ensina o artista a conduzir sua vida de forma abundante e se traça não com pincel e tinta ou caneta ou lápis se traça com o rame-rame do dia que acorda manda escovar dentes tomar banho trabalhar fazer comida sentir calor e. Têm as caixas de sabão nos dando o direito que temos de admirar a proximidade aquilo com que lidamos ordinariamente. Ou mesmo a visita que copia a visita a uma casa que está à venda mas onde a métrica usada para se falar dos cômodos é a das histórias que neles vivem. Enfim esses trabalhos todos dizem de águas e lagos onde nos encontramos a nós e a nós-diferentes onde nos criamos em imagens que nos criam. Você está me dizendo tudo isso. Bom! Bom entender isso aqui. Mas e se você não estivesse comigo me dizendo o que está me dizendo seriam o mesmo quadro com as mesmas gravações. Mudou pra mim está certo; mas não muda o que está aqui. Enxergo o problema concordo

que seja um problema e digo ao senhor que não sei que posição tomar mas. A nossa educação impaciente o nosso tempo que desvive o tempo e não deixa a gente habitar as coisas nada disso permite que elas façam problema na gente. É a pressa da qual só se salva o impacto estrondoso e ainda assim por uma brevidade de nada. A gente não cultiva uma espécie de infiltração que abre espaços afasta ligaduras deixando talvez um mundo caber onde o olho antes não enfiava nem uma linha da mais fina agulha. E é cultivo mesmo. Labor na terra que faz crescer. Nossa vida está sempre atrasada completou. E o que é quase a mesma coisa hoje só conseguimos ver o que é-mais como se tivéssemos perdido a habilidade de apreciar o mais-menor e não sendo aquilo que nos rapte tempestuosamente também não tem tamanho para nossos olhos descuidados. Hoje é preciso ter dom para as coisas desimportantes. É como diz lá o Manoel de Barros que é um olhar para o insignificante que ele se criou tendo. Mas existe uma tensão que penso ser mais complicada de se deslindar; muitos defendem que ela a arte como qualquer outra área do conhecimento é para entendidos. É assunto emaranhado mesmo mas se a gente considerar que existe alguma zona de reserva onde o conhecimento não se confunde com eruditismo talvez dessa zona se façam emergências aparecimentos que a todos tocam independente do quanto se saiba falar deles, ou da qualidade e propriedade com que se fale deles. As matemáticas mais requintadas fazem mover não sei quanto tempo do meu dia quiçá ele inteiro ainda que quase nada saiba de todas as suas intangibilidades. Por que então a arte não passaria pelo menos de resvalo rápido leve na vida de todos e não somente prum grupo preferido de linguistas que conheceriam as tramas dessa língua? Negar à arte força de toque seria condená-la a não concer-

nir ao mundo-homem. Por outro lado não é porque seu modo de afetar resulte bem menos material do que os das matemáticas que qualquer um tem o direito de julgá-la do alto de alguma arrogância e ignorância. Porque pra falar da arte isso não é coisa pra leigo. Afinal o surdo já se disse não pode de modo algum ser bom ouvinte. Escutá-la sim com real afinação ao que se mostra talvez seja cada vez mais para os poucos que a ela se dedicam... isso como em qualquer outra área. Impressionante é uma palavra muito inteligente me disse ele me perguntando se eu já havia notado que ela guarda nela ao mesmo tempo sensação e gravação. Concordei. Eu digo pra você que a sensação aqui não é muita e que a gravação talvez não dure mais que alguns momentos depois que a gente for embora. Como é então que uma coisa que não impressiona pode tocar? Eu já ia tentar algum caminho mas ele ainda se explicou dizendo eu sei que a educação faz a gente se afinar ter maior capacidade e facilidade para o impressionante mas ainda assim... Mais uma prova de que as coisas da arte hoje vão diferente tentei ponderar. Onde ainda se quer aquele arrebatamento de ontem hoje a arte é um gesto fraco fraco justo por se fazer na obviedade boiante do mundo. Mas existe aí um outro ponto talvez um problema já que isso em que a arte está envolvida parece não se expor suficientemente para que seu fraco seja também seu transcendental. Sabe pai falando assim parece que todas essas coisas são tecidas em elucubrações delírios divagações são sacis intelectuais que vão por saltos largos mas desorientados por caminhos teóricos sei-lá que se traçam no mundo mas de fato distantes dele. E vou dizer confessar mesmo para o senhor que até bem recentemente tinha cá minhas dúvidas que tudo podia sim não passar de uma grande geringonça pretensamente intelectual que eu também vinha laborando com o passar desses tempos. Até que um dia desses eu

estava num ônibus de manhã ônibus cheio eu não estava me sentindo bem estava numa semana ruim mas tinha um compromisso sério e precisava ficar ok; peguei aquele ônibus consegui me sentar no corredor e me esforcei por melhorar. Não melhorei mas no caminho o passageiro ao meu lado pediu licença para se retirar e foi quando eu dei com os olhos na traseira do banco logo à frente dele. Estava escrito jefinho. Um erguer de sobrancelhas uma leve expiração e um sorriso de lábios fechados foi a resposta prazerosa de meu pai. Não é sei-lá como chamar inspirador? jefinho... A experiência me ajudou muito a entender na carne o que a alma estava urdindo havia tanto tempo. Uma experiência em que o tempo se dobra e faz a gente olhar para o que sempre se olha com outros olhos. O que o senhor chamou de impressionante estava tudo ali feito dessas coisas com que fazemos o mundo mesmo. Era o mundo ali para mim no mundo. Acredito mesmo que é assim que a arte quer dar a ver como nesse susto nessa subtração do tempo e até mesmo da vida que no fundo põe mais e melhor a gente na vida no meu modo de querer a vida no meu modo de me fazer na vida pra vida. Mas sabe que esse jefinho ele era escrito somente com um f. Isso me perturbou e me faz pensar até hoje: esse lapso do f que não está ali mas me pede preenchimento reclama mesmo é agora como o tanto de espaço aqui entre-os-quadros. É bem ele esse lapso esse intervalo que afasta os encostados que carrega a gente a se angustiar e a pensar a respeito e se angustiar ainda mais que nos obriga a viver na precariedade. É ele que dá sentido. Esse intervalo nos provoca a aceitar o risco. Fico pensando a gente fala em abertura como se fosse somente uma ampliação do que já está dado e a gente se esquece que dentre as opções aparece o oco e oco é opção que mais grita se a gente dá realmente ouvido a elas. Abertura chama um lapso então dá medo tam-

bém dói. Acredito que essa arte tão abraçada ao nosso mundo abraça é com intervalo descontinuamente abrindo ocos. Daí que a arte parece estranha mas daí que alguma coisa uma revelação mesmo pode se dar não importa o tamanho revelação é sempre revelação Ele me bateu na perna. Antes que a gente continuasse nossa visita que já parecia próxima ao fim quis dizer o seguinte penso que a arte é como se fosse movida por um ótimo coração cujas ações no entanto são aparentemente brandas em relação ao enorme coração e intenção e boa vontade que tem. Meu pai que tem um filho a quem chamou Tiago não por acaso se voltou então para mim com as palavras daquele outro o da Bíblia: mas o homem não é medido por suas obras? Meu costume em momentos assim é sempre responder impulsivamente para depois me arrepender e logo veio-me à boca a resposta talvez para lidarmos com a arte devemos ser péssimos cristãos. Mas me detive e não me arrependi. Quando era menino toda vez que meus primos vinham do interior o senhor se lembra? íamos ao zoológico. Sua mãe juntava mais gente do que cabia no carro. É. Você insistia em passar por baixo de uma barra que mede quem pode entrar sem pagar. Pois então aqueles passeios me levavam ao contato com um mundo estranho cru selvagem original talvez o lugar de poder do mundo. Despertar alguma coisa parecida era meu intuito ao vir com o senhor até aqui. Trazer olhos para uma estranheza uma distância que pode poderia fazer balançar na gente tudo aquilo em que a gente aprendeu a se agarrar. Depois de mais de 30 anos um dia desses voltei lá procurando as vertigens que as jaulas guardam. Quer dizer inventei isso mas tanto faz. Falo não exclusivamente da vertigem que a imagem desses animais guarda e sim da vertigem da existência de tais imagens. Quis trazer o senhor aqui como retribuição ao menos para que ficasse mais perto talvez

se afeiçoasse ao que bem tem me afetado nessa minha vida. Levantei-me. Sem demora. Ele me olhou por um pouco mais de tempo; mantinha-se sentado. Ainda temos mais algumas salas pela frente. Seguimos calmamente. Alguma coisa nos cutucava dentro mas pousávamos como que uma redoma de vidro muito fino sobre ela e aquela coisa ficava lá brilhosa palpitante com olhos arregalados voltados para fora.

No finzinho daquela tarde meu pai que sempre foi homem mais para o quieto retornou a sua casa pensativo. E à medida que aqueles dias se seguiram eu soube mais a sua quietude levantava muros que o levavam mais e mais para longe enquanto pelos olhos dava para se ver que ele corria solto largo dentro de um si-mesmo. A casa a mesma em que continuava morando no tempo *ainda era mais próxima do rio obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande fundo calado que sempre. Largo de não se poder ver a forma da outra beira.* E esquecer não posso do dia em que meu pai mandou fazer para si uma canoa. Foi aí que eu tremi. Ou assim devia.¹

NOTA

1 Estão presentes neste artigo referências a ensaios de Rosalind Krauss, Boris Groys, entre outros, depoimentos sobre algumas obras e, em suas linhas finais, uma apropriação de trecho de *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa.

Jefferson Miranda é artista, com doutorado pelo PPGA-UFRJ, na linha de pesquisa *Poéticas Interdisciplinares*. O presente artigo deriva de sua pesquisa de tese *Multiplicidades Artísticas da Experiência – da utilidade e desvantagem da arte para a vida, orientada pelo professor Carlos Murad*.